

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos

Artigos de IC

Blog

Reflexões sobre o ensino de línguas

Resenhas

Textos Literários

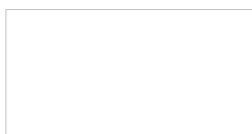
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

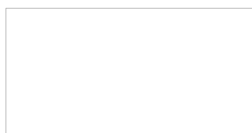
Email Address

Subscribe

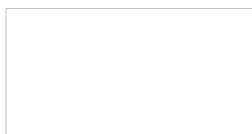
Veja também:



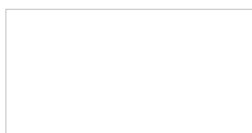
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

QUE CORDEL É ESSE?

Maria Elizabeth Figueiredo Martins^[1]

Uma tradição que passa longe da escola

Que cordel é esse que tem jeito de poesia, mas narra longas histórias dos tempos de antigamente e de reinos daqui e de lá? - Esta é uma pergunta para ser respondida em sala de aula, visto que enseja inúmeras oportunidades de aquisição de conhecimentos. O estudo desse inusitado modo de contar histórias, que também é um material rico em conteúdo, mostra-se um interessante instrumental para o professor que deseja desenvolver a capacitação de seus alunos para a leitura crítica e para o aprendizado do processo de produção escrita.

Avançar no ensino da leitura e da expressão escrita é superar as barreiras da gramática, viabilizando o acesso a boa literatura. Esse tipo de visão pedagógica privilegia, principalmente, a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos, sem o qual a compreensão ou a execução de qualquer forma de produção escrita, seja ela uma narrativa, um editorial de jornal ou uma simples rima, torna-se um trabalho penoso de apreensão de sentidos ou de autoria. É necessário que o professor tenha em mente que para o aluno construir o seu dizer é preciso que ele tenha algo para dizer.

O contato com a *Literatura de Cordel*, tendo em vista as suas peculiaridades temáticas e estruturais, leva o aluno a perceber que os gêneros textuais possuem uma estrutura específica, uma temática opcional e um estilo que reflete as escolhas do autor na elaboração do texto. Esse estudo facilita também, para o aluno, o entendimento de que os gêneros sofrem variações que resultam em outros gêneros mais adequados aos novos tempos.

Um gênero como o *cordel*, que se fundamenta numa estrutura linguística simples, propicia, ainda, a realização de atividades que permitem o estudo do léxico e das variantes linguísticas, o desenvolvimento da oralidade, a exploração da criatividade dos alunos, o estudo dos sentidos metafóricos de expressões regionais, a pesquisa de neologismos ou vocábulos com problemas ortográficos, a dramatização, o trabalho de elaboração de textos poéticos e narrativos, a construção de rimas e muitos outros saberes.

Por ser uma arte atravessada pela oralidade, ela se presta a reflexões sobre a língua falada, pois desqualifica o conceito de dialeto padrão uniforme e coloca em evidência uma língua variada e mutável, na qual convivem, harmonicamente, diferentes sotaques, registros e estilos. Além disso, graças a sua riqueza expressiva, revela uma língua falada produtiva, que em nada perde para a língua escrita.

A grande proeza do Cordel

Nos primórdios do século XX, os cordelistas reuniam-se para tocar e cantar versos em festividades realizadas nas casas, nas igrejas ou nas fazendas. Depois das saudações costumeiras, os cantadores passavam às provocações e improvisavam versos sobre assuntos diversos.

Desde então, os *folhetos de cordel* têm funcionado como o jornal do sertanejo iletrado, uma vez que o coloca a par das notícias recentes e de histórias, que narram fatos sobre os feitos de *Lampião*, os estragos provocados pela seca, os crimes de interesse popular e até mesmo as peripécias de um herói ficcional.

As proezas do texto

Este artigo constitui-se no estudo de um clássico da *Literatura de Cordel*, que se destaca pela temática infanto-juvenil, pelo ritmo e pela singeleza poética. Conduzimos o estudo do gênero, fazendo um trabalho que privilegia o romance “*As Proezas de João Grilo*”, de João Ferreira de Lima/ João Martins de Ataíde, com o objetivo não somente do reconhecimento do texto como arte poética, mas também a identificação das estratégias utilizadas na condução da narrativa.

Nossa proposta é fazer a análise dos elementos linguísticos e extralinguísticos mais significativos do referido *cordel* que, de algum modo, interferem na construção dos sentidos do texto. Tomamos por diretriz os recursos de coesão e coerência utilizados, pelos autores, para promover a manutenção temática e a progressão da narrativa.

“*As proezas de João Grilo*” é um romance interessante, do ponto de vista pedagógico, graças ao tema e também pelo fato de que, se por um lado trata-se de um poema, por outro se apresenta como um texto narrativo e ficcional, prestando-se, portanto, ao estudo dos dois tipos de seqüências discursivas.

A partir da análise desse clássico, fica fácil entender porque, mesmo passando de boca em boca ou vendidos dependurados em barbantes, os *livretos de cordel* prendem a atenção dos ouvintes, até os dias de hoje. Eles assim o fazem, por conta de uma estrutura pautada num ritmo bem marcado, com métrica e rimas rígidas que funcionam como recursos importantes para a memorização das histórias contadas e/ou cantadas.

No que tange à dinâmica interna, partimos para a análise das características estruturais que qualificam o romance como uma narrativa. Este tipo de procedimento, que deve ser desenvolvido em conjunto com os alunos, depende, unicamente, de tarefas que viabilizem o estudo comparativo de textos, bem como a observação e a percepção das marcas discursivas existentes na estrutura do *cordel*.

Ao longo do poema, a história da trajetória de vida de *João Grilo* é narrada em episódios que vão da infância do herói à vida adulta. Nessa passagem de tempo, outros temas secundários são abordados, os quais, se corretamente tratados pelo professor, dão margem a estudos que podem servir de motivação e novos conhecimentos a serem acrescentados ao repertório de informações do aluno. Nos versos do *cordel* estão colocados elementos desconhecidos do público infanto-juvenil, que ensejam trabalhos paralelos de pesquisa e leitura complementar. São figuras como o *lobisomem*, o *deus Baco*, *Jó* e o *rei Salomão* que, por pertinência, remetem a outros textos de cunho ficcional ou informativo, abrindo a possibilidade de estudos intertextuais.

Quanto ao aspecto formal, o tempo e o espaço nesse romance são *um passado sem data* de um *lugar imaginário* onde, com o desenrolar de seqüências narrativas imprecisas, vão sendo acrescentados elementos do universo nordestino. Esse contexto confuso, de um lado fantasioso e de outro cotidiano, deve ser investigado em sala de aula, uma vez que guarda três recursos textuais bastante usados pelos escritores de ficção. O conhecimento a respeito desses recursos, que são a fantasia, a verossimilhança e o humor, é fundamental para a capacitação do aluno como leitor crítico.

No que tange à estrutura linguística do *cordel*, sabemos que um trabalho voltado para a análise de sua gramática textual, que privilegie não somente o estudo do léxico, mas também a pesquisa de alguns elementos coesivos será de grande valia para a percepção, por parte dos alunos, de que certas marcas discursivas caracterizam uma narrativa e outras um texto poético. Além disso, o estudo do *cordel* mostra que uma seqüência narrativa, apesar de delimitada por uma estrutura definida e por encadeamentos coesivos, pode ser usada num poema.

Em várias estrofes, observa-se a presença de formas discursivas comuns a textos narrativos, que merecem ser analisadas em conjunto com os alunos. São fatores coesivos, tais como o estabelecimento de turnos conversacionais e o uso recorrente de interjeições, que operam no nível do encadeamento dos episódios. Nesse *cordel*, os autores lançam mão do discurso direto para reproduzir as falas dos personagens, sendo que a ausência de elementos conectores é superada pelo uso dos sinais de pontuação. No texto, a mudança do foco narrativo para diálogo é, geralmente, produzida com a ajuda explícita de verbos dicendi precedidos por dois pontos, porém sem o uso do travessão. Vejam-se os elementos grifados no excerto, abaixo:

.....
O padre bebeu e **disse:**

oh! Que garapa boa,

João Grilo **disse: quer mais?**

o padre **disse: e a patroa?**

Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa

Dicionário de Termos Lingüísticos

Domínio Público

GEScom

GETerm

iLteC

Institut Ferdinand de Saussure

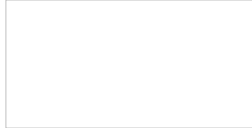
Letr[a]s.etc.br

Portal da Língua Portuguesa

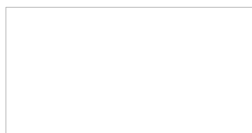
Portal de Periódicos Capes

Portal de Revistas Científicas Persee

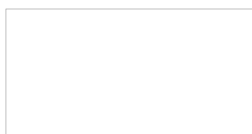
Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

não brigará com você?

João Grilo **disse: tem uma canoa!** [grifos nossos]

.....

Mecanismos de sequencição são fatores que auxiliam na coesão textual, por isso podem ser explorados, pelo professor, durante o trabalho pedagógico com o *cordel*. Esses mecanismos decorrem do uso de elementos que promovem o encadeamento dos episódios e que atuam no nível intersequencial da narrativa. No poema "*As proezas de João Grilo*" identificamos os ordenadores temporais - *um dia, um dia de sexta-feira, à noite* ou *certa vez* – que demarcam o início das diversas sequências textuais que compõem a narrativa e, ainda, os ordenadores espaciais - *perto de, por detrás de ou junto de* - que operam nas descrições, atuando como conectores responsáveis pela progressão temática. Observe-se o sequenciamento no excerto, abaixo:

.....

João Grilo perdeu o pai

com sete anos de idade,

morava **perto dum rio**

ia pescar toda tarde

um dia fez uma cena

que admirou a cidade [grifos nossos]

.....

Caberia, ainda, um detalhamento maior a respeito de outros tipos de articuladores textuais, conhecidos como conectores interfrásticos. Esses elementos coesivos, responsáveis pelo encadeamento da narrativa, são as conjunções, os advérbios e as expressões de ligação, presentes nos versos do *cordel*, que estabelecem os diversos tipos de relações semântico-pragmáticas entre as partes do poema.

Considerações finais

A *Literatura de Cordel* é um gênero textual que se desenvolveu em meio ao abandono dos sertões e por muitos caminhos chegou às grandes cidades brasileiras. Como espectadores, crescemos ouvindo a arte dos cordelistas sem darmos a devida importância a essa forma de expressão popular, que evoluiu enfrentando o enorme desafio de preservar o estilo marcado pela expressividade poética e pela singeleza literária.

O estudo de um gênero textual como o *cordel* implica na reflexão sobre o seu funcionamento. Logo, esse tipo de texto possibilita uma prática metodológica que se fundamenta numa concepção de linguagem favorável à integração entre as áreas básicas da aprendizagem que são o ensino da gramática, a compreensão de textos, a produção textual, o léxico e a oralidade.

Neste artigo, demos ênfase ao gênero textual *cordel* com o intuito de mostrar aos profissionais da área de ensino de língua portuguesa que muitos são os caminhos que levam ao conhecimento, mas apenas um leva à aprendizagem prazerosa. Esse caminho é o da criatividade e essa característica a *Literatura de Cordel* tem de sobra.

Referências

ABREU, Márcia. *Antologia de Folhetos de Cordel – Amor, História e Luta*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. *Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel*. 1ªed. Rio de Janeiro: ABLC, 2005.

História do Cordel.

Disponível na Internet via <http://www.ablc.com.br>

ANTUNES, Irandé. *Muito Além da gramática*. 3 ed. São Paulo: Parábola: 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura de Cordel*. Disponível na Internet via <http://www.fcsh.unl.pt>

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Literatura de Cordel*. Disponível na Internet via <http://www.fundaj.gov.br>

KOCH, Ingedor Villaça. *A coesão textual*. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____ e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e Coerência*. 11 ed.. São Paulo: Cortez, 2007.

LUYTEN, Joseph. *O que é Literatura Popular*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco "falada"*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora, (orgs). *O Livro Didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PINHEIRO Helder & LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na Sala de Aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

[1] Pós-graduação no Curso de Especialização em Língua Portuguesa - Instituto de Letras - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - e-mail: melbeth@ig.com.br

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.